

# Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407  1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de.  CDD 801.95
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros José Wanderson Lima Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli Leonardo José Rodrigues Nádia Vieira Simão Pâmela Natiele Pereira Bispo Viviane Ellen Araújo Pereira Débora Cristina Santos e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>111</b>
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>134</b>
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa Ana Lúcia Trevisan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>145</b>
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>151</b>
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Thiago de Sousa Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>160</b>
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISIÁCA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
<a href="#">Rodrigo Peixoto Barbara</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>171</b>
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
<a href="#">Claudia Barbieri Masseran</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>181</b>
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
<a href="#">Érica Patricia Barros de Assunção</a>	
<a href="#">João Benvindo de Moura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>192</b>
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
<a href="#">Erika Camila Pereira dos Santos</a>	
<a href="#">Cláudio Guilarduci</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>203</b>
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
<a href="#">Jesuino Arvelino Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>213</b>
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
<a href="#">Andrea Carla de Miranda Pita</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>221</b>
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
<a href="#">Iasmim Santos Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>232</b>
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
<a href="#">Iêda Carvalhêdo Barbosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>241</b>
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
<a href="#">Maria Luand Bezerra Campelo</a>	
<a href="#">Vanessa de Carvalho Santos</a>	
<a href="#">Wander Nunes Frota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240725</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>251</b>
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
<a href="#">Patricia Horta</a> <a href="#">Livia Bocalon Pires de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>263</b>
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
<a href="#">Juliana Carvalho de Araujo de Barros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240727</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>270</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>271</b>

## A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA

**Henrique Carvalho Pereira**

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Departamento de Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

**RESUMO:** Nos anos que seguem o chamado “giro linguístico”, em que o crítico e historiador estadunidense Hayden White iniciou uma exploração das dimensões linguística, estética e retórica da escrita da história, emerge também um desconforto com o obscurecimento das fronteiras entre história e literatura. Com frequência, historiadores recorrem aos argumentos da evidência e da autoria para reassegurar a fronteira. Esta comunicação pretende problematizar o quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e o quanto isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Literatura; Documento; Retórica.

### THE RHETORIC OF EVIDENCE

**ABSTRACT:** In the years following the so-called “linguistic turn”, when the U.S. critic and historian Hayden White began an inquiry as to the linguistic, aesthetic and rhetorical dimensions

of historical writing, there also emerges a discomfort towards the blurring of the borders between history and literature. Frequently do historians recur to the arguments of evidence and authorship in order to reassure those borders. This paper intends to problematize how much there is of rhetorical and aesthetic in the inclusion of historical evidence inside the narrative linguistic code e how this allows for a problematizing of the stability of historical knowledge.

**KEYWORDS:** History; Literature; Document; Rhetoric.

### 1 | INTRODUÇÃO

A discussão sobre a interface entre a escrita da história e a teoria literária com frequência esbarra em uma série de questões do senso comum sobre o binarismo do fato contra a ficção. Na maior parte dos casos, o senso comum faz com que essas pressuposições sejam tomadas como garantidas, o que entra no caminho do que mereceria um exame mais detalhado. Uma dessas questões diz respeito ao estatuto epistemológico da evidência histórica uma vez que ela é inscrita em uma representação verbal. A evidência documental é o mais antigo limite entre a escrita da história e a escrita poética, sendo ponto fundamental

na *Poética* de Aristóteles (1999) e fundamento da crítica de Tucídides a Heródoto. É possível discutir a extensão e o critério segundo o qual algo pode ou não ser considerado como evidência histórica, a que serve e o que é verdadeiro ou falso, mas é sempre a ela que recorrem os historiadores não apenas como ponto que inquestionavelmente os distingue dos autores ficcionais, mas como critério pelo qual verificar e questionar – por vezes até dispensar – alegações de colegas de ofício.

Ao fazer da historiografia um tipo de escrita cuja identidade e referencialidade se assentam na documentação histórica, emerge, porém, certo embaraço com relação a outros tipos de escrita, do domínio convencionalmente literário, que se assentam igualmente na referência histórica, como o romance de memórias e o relato de testemunha. Para resolver esse problema, costuma-se detalhar a economia da pesquisa histórica, fato que já hoje não tem mais tanto impacto. Mesmo a pesquisa documental em si já tem sido observada por historiadores, como Michel de Certeau (2011) e Paul Veyne (1983), como algo que não sobrepõe os procedimentos criativos envolvidos na escrita. Por outro lado, a questão da referência histórica nas obras literárias costuma ser resolvida sob a alegação de que toda ficção é no fundo histórica, se não alegoricamente, em seu próprio modo de conceber as relações representadas. Isso produz o impasse de que se toda ficção é histórica, toda história deve ser também ficcional. Diante dessa dificuldade, o decisivo acaba variando de historiador para historiador. Em todos os casos, quanto mais se complexifica a discussão, tanto mais ela se mostra assentada sobre limites que não são apenas arbitrários, mas históricos. A documentação, a evidência, são para historiadores das mais variadas correntes o único ponto seguro de sua prática, embora ele não seja exclusivo a ela. É um ponto de concordância entre historiadores dos mais distintos que aquilo que recebe destaque na representação histórica distingue sua identidade é tudo o que possa garantir uma referência factual relevante para sustentar os argumentos do texto.

## DISCUSSÃO

A questão sobre quais documentos são adequados para os argumentos e qual a relação entre os dois produz uma disjunção no interior da certeza quanto ao caráter epistemológico da evidência histórica. Vista como aquilo que sustenta uma dada argumentação, a evidência se torna nada mais do que um artifício persuasivo do historiador – o principal, mas não a fonte. Com isso, essa discussão apresenta uma relação dupla entre evidência e o argumento que ela integra. A princípio ela pareceria informá-lo e determiná-lo, mas agora parece ser pré-selecionada por ele. A ideia da pré-seleção dos documentos por uma figuração linguística devolve a discussão ao fato de que só é possível dizer que toda ficção é histórica caso seja possível dizer que toda história é ficcional. O predomínio da figuralidade impossibilita sustentar que a escrita histórica se refira literalmente à realidade histórica, enquanto

a ficção o faz figurativamente. Uma vez que ambas se sustentam pela prefiguração, não é mais a oposição literal *versus* figurativo que as separa.

Essa distinção é ainda mais delicada de se fazer. Em um texto que Frank Ankersmit qualifica como sendo aquele onde se encontram “as mais sucintas e convincentes afirmações teóricas de [Hayden] White” (ANKERSMIT, 2009, p. 51; minha tradução), *The Historical Text as Literary Artifact* (WHITE, 1985), ela é complicada ao extremo baseado na ideia de que o passado histórico não possui sentido antes de ser inserido em uma narrativa ficcional cuja origem é na imaginação cultural e poética, e o estatuto de evidência histórica se depreende de procedimentos de seleção e combinação que pertencem à imaginação poética e não à realidade factual. White demonstra que o texto histórico intermedia entre o conjunto de evidências documentais e a imaginação cultural contemporânea. Parte da eficiência explicativa da história emana de sua capacidade de fazer histórias a partir de meras crônicas ou de um caos documental. Isso depende da elaboração de um enredo, isto é, da codificação da evidência a partir de estruturas de enredo pertencentes à cultura e à estética. Como tal, a representação textual estaria suspensa em um ponto de indecidibilidade entre a experiência estética e o passado histórico. White complica ainda mais a distinção ao defender que os enredos impostos sobre o passado não respeitam apenas os eventos documentados, mas as possíveis associações que se podem estabelecer entre eles. Essas relações não pertencem aos eventos e sim à experiência cultural do historiador, à linguagem que o recebe e que ele utiliza para explicar as relações entre esses eventos. Essa linguagem dependeria de uma figuralidade que seleciona e combina os documentos, arriscando o tempo inteiro deformar sua evidência na medida que a insere em um conjunto de relações que são tropológicas e não históricas – ou cuja historicidade não é necessariamente mimética da desses documentos.

Não à toa, White, mais adiante no mesmo texto, demonstra como a história arrisca perder o passado que procura explicar. Na comparação entre dois textos históricos diferentes cujos objetos são os mesmos, os eventos e os documentos não parecem mudar substancialmente de um para o outro, mas o que muda é a estrutura das relações que dá sentido aos mesmos eventos e documentos. Essas estruturas, a princípio fundadas em diferentes teorias sobre a sociedade e as relações humanas, têm origem em caracterizações figurativas particulares. Por essa razão, quando se comparam explicações dos mesmos fenômenos históricos, o que sobressai não é mais a regra da evidência que servia para certificar relatos históricos, já que foram apresentadas explicações distintas sobre a mesma evidência. Isso revela na verdade que o critério de validade histórico não é o histórico, mas o linguístico, cujos fundamentos são menos de lógica e coerência quanto de implicações morais e políticas, que encontram seu fundamento nas relações tropológicas e poéticas. Isso não significa que seja impossível distinguir entre boas e más explicações históricas, mas que seu critério exige perder o histórico em razão do estético, já

que o que varia, e portanto se torna critério principal, não é a evidência e sim as relações estabelecidas a partir dela (Cf. BAIRD, 2009). Por isso, quando lemos uma história, estamos diante não de um encontro complementar, mas da desfiguração da evidência quanto a sua historicidade em nome de uma integração em um todo inteligível, a explicação histórica. Seria impossível o contrário, em razão justamente do que demonstra White ao extrair da comparação entre textos com mesmo referente a permanência do critério de validade como algo pertencente à textualidade e não ao assentamento histórico da evidência. Por isso, existem intermináveis disputas morais e políticas que não podem ser resolvidas apenas pelo apelo à evidência, seja porque ela é insuficiente, oculta, ou porque apenas ela não basta. Historiadores e críticos do presente com frequência se sentem obrigados a esperar a liberação dos documentos. Contudo isso deixa de ser necessário quando se recorre à opção de analisar os diferentes juízos que se tem da situação e a justificativa que cada um apresenta para seu juízo no tempo presente. A verdade histórica passa a se assentar em figurações verbais, nas quais a evidência é um fator sempre constante, mas ele é interno e não de referência externa.

White desenvolve seus trabalhos após esse de modo a demonstrar a inseparabilidade entre a experiência linguística e a histórica. Nessa leitura, a história se torna um mito, no sentido de uma estrutura simbólica associada a um conjunto de possíveis associações de sentido, produzidos pela linguagem. Não é possível fugir da história mais do que é possível fugir de nossa capacidade de simbolização, mas muito menos seria possível entender a história fora dos esquemas de explicação essencialmente narrativos e que produzem sentido a partir da figuralidade.

A distinção entre história e ficção já deixa de ser sobre uma escolha inevitável entre duas alternativas, para se tornar algo indecível. Será possível seguir White na possibilidade de se manter suspenso entre passado e cultura? A aporia é quanto à referencialidade. Ou se assume que a referência histórica é uma função da ficção textual na qual se encontra ou se abdica da capacidade de o texto histórico reivindicar um valor de verdade. Isto é, a história e as situações históricas deixam de ser uma referência temporal e passam a ser uma função textual. Não somente o valor de verdade foi transferido da evidência e da referencialidade para o interior das estruturas linguísticas, como também emerge o problema da compatibilidade entre a organização do tempo historiográfico e a temporalidade do passado que ele pretende representar. E nisso não é possível que um consenso geral transforme uma temporalidade na cópia de outra, sendo obrigatório reconhecer a dimensão inconciliável das duas. “Um consenso universal e imemorial” que dê a “fantasmas a força das evidências”, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso* (HOLANDA, 2000, p. 175), já neste ponto não encontra mais tanta solidez.

Se os estudos da narrativa, onde White se inclui, reconhecem a distinção entre o tempo do significante e o tempo do significado, não é possível que o tempo da narrativa histórica e o da história sejam análogos ou comparáveis. Como o

próprio White afirma em seu artigo sobre o estilo em Marx e Flaubert, significado e significante são moldados juntos (WHITE, 2010, p.186). Nisso, a história não seria uma disciplina, mas um momento em que duas temporalidades – a narrativa e a histórica – se entrecruzam por meio da leitura.

Se a história é uma questão de entrecruzamento entre temporalidades e não de aparelhagem distinta, ela se torna não uma ciência, mas um sentido que toda estrutura verbal assume em determinado momento. Isto é, seria não uma disciplina e uma escrita distintas, mas um modo de se conceber um determinado conjunto de relações na linguagem, e, por extensão, na imaginação – um signo. O momento tipicamente histórico seria uma figura que ocorre a certo ponto em todos os textos a partir do encontro entre duas temporalidades no processo da leitura em que se alinham uma na perspectiva da outra. Essa relação implica tanto a semelhança quanto a diferença, já que o resultado depende de um processo substitutivo. Como estrutura especular interiorizada no texto, essa figura depende da evocação da temporalidade histórica assentada na evidência, pressuposta ou declarada. Em se tratando de uma relação especular, não há apenas determinação mútua, mas autorreconhecimento de um pelo outro, ou no outro. O único jeito desse autorreconhecimento não ser uma abstração delirante é a evidência e sua caracterização figurativa serem contemporâneos, mas para isso não é possível manter a evidência histórica e sua referencialidade no tempo histórico: é necessário que ela seja uma categoria da composição textual.

Nesse sentido afirmar que todo texto permite identificar a figura da historicidade corresponde a dizer também que nenhum permite. Assim todo texto estaria o tempo inteiro indeciso quanto à referência histórica e a obliteração dessa referência, e a explicação que White oferecerá em trabalhos mais tardios, compilados no volume *Figural Realism* (WHITE, 2000), do movimento dos tropos se torna mais clara. De acordo com essa ideia, os tropos, cuja raiz etimológica remete a giro, movimento, são aquilo que permite a um texto se mover de uma concepção para a outra, tornar uma ideia em outra. Nisso o movimento se torna a própria figura do tempo da narrativa, o tempo das figuras sendo o tempo da historiografia, e a evidência, bem como sua dimensão histórica, nada mais do que uma figura nesse grupo de figuras em movimento. A estrutura especular de determinação recíproca entre os tropos que determinam a temporalidade da narrativa histórica e a evidência histórica como parte do sistema de figuras deixa de ser uma relação entre o texto e a realidade empírica e passa a ser uma relação aprisionada na própria linguagem. Uma relação, em suma, de autorreferencialidade e não de referência histórica, cuja própria estrutura figurativa evita um fechamento totalizante pela referência ou clausura.

O interesse na evidência histórica, portanto, não respeita a historicidade dos textos, mas o fato de a figuração histórica de todos os textos demonstrar a impossibilidade de clausura e totalização de todas as explicações linguísticas da realidade pelo fato de elas serem fundadas no incontrolável movimento dos tropos.

Porque bem como a historiografia, por sua insistência no passado documental, logo na memória e na mortalidade, e por essa estrutura especular, toda explicação da realidade anseia por escapar esse movimento dos tropos. Historiadores, bem como todos os que topicalizam a realidade histórica, anseiam igualmente passar da teoria para a ação. Não faltam historiadores, sobretudo os mais engajados, buscando justificar a razão de ser da história por sua capacidade de agir sobre o mundo real. O próprio Hayden White repetidamente buscava justificar a liberdade de figuração do passado em uma causa maior, a orientação moral e o compromisso político. Como Herman Paul explica, White encontra no passado uma imensa fonte de inspiração para que os contemporâneos justifiquem e entendam suas vidas, livrem-se de fardos indesejados e procurem personagens inspiradoras de cujas obras possam se sentir continuadores (PAUL, 2011, pp.144-50). Como o próprio White demonstra com a ideia de preenchimento de figura, derivada de sua leitura sobre Auerbach (WHITE, 2000, pp. 87-100), aqui não se abandonou o sistema tropológico. Pelo contrário, isso nada mais fez do que uma reinscrita nele.

Inscrita nessa estrutura especular, a evidência histórica deve estar sempre disponível a seu movimento (as ideias de estrutura especular e movimento dos tropos como categorias substitutivas são retiradas de Paul de Man, 1984 e 1989). Os tropos que informam o relato historiográfico realizam constantes trocas, permutações e transposições para conectá-la com o sentido que ela compõe, isto é, estão constantemente utilizando uma categoria de seu conjunto por outra, e inevitavelmente de um tempo pelo outro. O uso de uma categoria por outra é um processo tipicamente enunciativo, linguístico e portanto arbitrário. Sucede não que seja impossível averiguar a verdade histórica dos relatos, mas que nada há para justificar que a inscrição da evidência histórica na explicação historiográfica siga as mesmas regras que sua inscrição no tempo histórico. As trocas das temporalidades dentro da estrutura de explicação histórica estão constantemente deferindo a possibilidade de se as identificar com alguma categoria, quer seja a do texto quer seja a da história. Não apenas a temporalidade da evidência e a da retórica narrativa na qual ela é inscrita são descontínuas, essa inscrição a submete a um processo de trocas tropológicas que impede o fechamento e a condena a uma infinita cadeia de substituições. Só se torna possível falar de verdade ou falsidade na história se assumirmos que ela não trata do tempo histórico, mas do narrativo, retórico e portanto tropológico, tendo abandonado a possibilidade de um passado já não mais referenciável em nome de uma representação textual cuja temporalidade não é certamente identificável com aquela do tempo histórico. A aporia é a seguinte: a evidência histórica recupera referentes no passado e, para tanto, deve incluí-los em uma representação verbal que busque restaurar o seu sentido original. No entanto, essa inclusão inevitavelmente os inscreve em uma temporalidade que não tem como reivindicar ser a imitação da original, perdida de substituição em substituição. A representação histórica seria um ato que, cada vez que tenta recuperar o passado,

inevitavelmente o deforma, perde-o em uma infinita cadeia de trocas onde a clausura de sentido é impossível. A verdade da representação histórica depende da deformação do referente de que é ela própria tributária.

## REFERÊNCIAS

- ANKERSMIT, Frank Rudolf. White's "New Neo-Kantianism": Aesthetics, Ethics, and Politics. In: \_\_\_\_\_; DOMAŃSKA, Ewa; KELLNER, Hans Dodds (Eds.). *Re-Figuring Hayden White*. 1<sup>st</sup> ed. Stanford: Stanford University Press, 2009. Cap. 2, Pp. 34-53.
- ARISTÓTELES. Poética. In: PESSANHA, J. A. M. (Org.). *Os pensadores: Aristóteles*. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BAIRD, Andrew. Metahistory as *Anabasis*. In: ANKERSMIT, Frank Rudolf; DOMAŃSKA, Ewa; KELLNER, Hans Dodds (Eds.). Op. Cit., cap. 6, Pp. 124-143.
- CERTEAU, Michel de. Capítulo II. A Operação Historiográfica. In: \_\_\_\_\_, *A Escrita da História*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. Pp. 45-111.
- DE MAN, Paul. Autobiography As De-Facement. In: \_\_\_\_\_. *The Rhetoric of Romanticism*. 1<sup>st</sup> ed. New York: Columbia University Press, 1984. Pp. 67-81.
- \_\_\_\_\_. A Modern Master: Jorge Luís Borges (1964). In: \_\_\_\_\_; WATERS, Lindsay (Ed.). *Critical Writings: 1953-1978. Theory and History of Literature, Volume 66*. 1<sup>st</sup> ed. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1989. Pp. 123-129.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: PubliFolha e Editora Brasiliense S.A., 2000.
- PAUL, Herman. Figuring History: The Modernist White. In: \_\_\_\_\_. *Hayden White: The Historical Imagination*. 1<sup>st</sup> ed. Cambridge & Malden: Polity Press, 2011. Pp. 128-150.
- VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- WHITE, Hayden V.. The Historical Text as Literary Artifact. In: \_\_\_\_\_, *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. 2<sup>nd</sup>. ed. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1985. Pp. 81-100.
- \_\_\_\_\_. *Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*. 2<sup>nd</sup>. ed. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. 11. The Problem of Style in Realistic Representation: Marx and Flaubert. In: DORAN, Robert; WHITE, Hayden V. (Eds.). *The Fiction of Narrative: Essays on History, Literature and Theory: 1957-2007*. 1<sup>st</sup>. ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2010. Pp. 169-186.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

### B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

### C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

### E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

### H

Homoafetividade 232

### I

Identidade 123, 132, 135

### L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

### M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

## **N**

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

## **O**

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

## **P**

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

## **Q**

Questões 102

## **R**

Romance 108, 171, 180

## **T**

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

## **V**

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962